

Não dilatam fantasias,
Não mentem por enganar,
Mas valem-se da bonéca
No intuito de ensinar.

Cada cousa, cada gesto,
Da mais ínfima expressão,
São vistos e aproveitados
Na esfera da educação.

A bonéca inanimada
Constitúe sempre o motivo,
De lições maravilhosas,
De trabalho evolutivo.

E ha no mundo muitos homens,
Sem propósitos do mal,
Que guardam muitas bonécas
Da infancia espiritual.

*

Junto deles, não condenes,
Não tenhas reprovação,
Não te faças de menino,
Estende-lhes antes a mão.

O R E M É D I O

O doente neste mundo
Que deseje melhorar,
Jamais encontra remédio
Saboroso ao paladar.

Por ministrar reconfôrto,
Fazendo caminho á cura,
O melhor medicamento
Tem ressáibos de amargura.

Todo o enférmo esclarecido,
De senso nobre e louvavel,
Já sabe que seu remédio
Tem gôsto desagradavel.

Se a molestia é renitente,
Mais áspera e mais revél,
A justa medicação
Amarga, sabendo a fél.

Por vezes, a beberagem
Não basta á restauração,
E' preciso o bisturí¹
Na zona de intervenção.

Contra o campo infeccioso,
Providencia compulsória,
Angústias do pensamento
Sobre a mesa operatória.

Ha remédios variados:
Purgante, choque, sangría,
Compressas e pedilúvios,
Recursos de cirurgia.

Sempre o fél do sofrimento
Amigo, reparador,
Tortura que retifica
A dor que remove a dor.

Se é tão grande o sacrifício
No campo da cura externa,
Pondera sobre o equilíbrio
Necessário à vida eterna.

*
Nos dias de grandes dores,
Vive a fé, guarda-te em calma.
Grandes males no teu corpo
São remédios na tua alma.

O INCENDIO

Elevam-se labaredas...
O fogo ameaçador
Foi centelha, mas agora
E' incendio devorador.

Ninguem lhe conhece a origem
Obscura, nebulosa,
Ninguem sabe onde se oculta
A mão rude e criminosa.

A fogueira continua
Buscando mais alto nível,
Aumentando de extensão
Quanto ganha em combustível.

Estalam antigos móveis,
Prossegue a destruição;
Em torno anseio infinito,
Amarga desolação.

Lingua rubra, formidanda,
Varre agora a cumieira.
Toda a casa se esboroa...
E' o ápice da fogueira.